



ANO 5 . Nº 48 . MAI/95



INFORMATIVO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LIBERTÁRIOS - CEL/RJ
CAIXA POSTAL 14576 - CEP 22412-970 - RIO/RJ - BRASIL
PARTICIPAÇÃO DO COL. DE INFORMAÇÕES - CP 5036 - CEP 90041-970 - P. ALEGRE/RS

CEL: 10 ANOS DE RESISTÊNCIA LIBERA...: 4 ANOS DE PERSISTÊNCIA

Em 1985, foi promovido pela Univerta (Universidade Aberta) um curso sobre o anarquismo. O vivo interesse despertado pelo evento, estimulou alguns companheiros à formação de um grupo de estudos. Estava criado o **Círculo de Estudos Libertários (CEL)**. Alguns dos fundadores, como Ester Redes e Ideal Peres, haviam participado na década de 60 da organização do CEPJO (Centro de Estudos Prof. José Otílica), fechado pela ditadura militar, em 1969. A proposta para o CEL foi a mesma: a manutenção de um espaço aberto, voltado não só para a formação de militantes e informação de simpatizantes anarquistas, mas para a difusão da cultura libertária a todos os interessados, independente da posição ideológica.

A partir das reuniões semanais do CEL, surgiram novos grupos (GAJO, CAE-9, etc.), outros passaram a atuar juntos, intensificaram-se os contatos com outros Estados e, no final de 1988, foi lançado o primeiro número da revista **Utopia** que, em seu editorial, dizia: "...*Aqui estamos, enfim, para discutir a vida. É esta a nossa função e a isto viemos. Queremos, assim, mostrar a todos que o anarquismo não é uma hidra de mil cabeças mas -sim- um conjunto ordenado de concepções, de idéias e de práticas que contribuem decisivamente para melhor compreender os grandes problemas que todos nós ajudamos a construir e com os quais agora nos defrontamos. Está aberta a discussão.*"

Em 1988 e 1989, o CEL, apoiado pelos grupos anarquistas, realizou no espaço do IFCS/UFRJ, os ciclos de palestras **Anarquismo Hoje**. Participaram destes importantes eventos estudiosos do anarquismo como: Mauricio Tragtemberg, Margareth Rago, Flávio Luizetto, Lucia Bruno e Roberto Freire, bem como companheiros do CCS/SP (Centro de Cultura Social) e do próprio CEL. O sucesso destes seminários atraiu diversos novos simpatizantes e, com o ingresso de novos ativistas, veio o fortalecimento dos grupos então existentes. No final de 1990, foi realizado outro ciclo de palestras, na sede do Sindicato dos Petroleiros, novamente com numerosos público e importantes adesões à militância libertária.

Mas como nem tudo são flores -muito pelo contrário- em maio de



1991, tornou-se necessária uma reformulação do CEL, para torná-lo mais dinâmico. Com essa "sacudida de poeira", surgiu o **Libera Amore Mio**, informativo mensal do CEL.

Para quem não sabe, o nome do nosso periódico foi "emprestado" do título do filme de Mauro Bolognini, *Libera, Amore Mio*, produzido na Itália, em 1971. Este filme conta a história de uma mulher que ao absorver as idéias de seu irmão anarquista, torna-se progressivamente antifascista e, logo, uma intrépida guerrilheira, lutando contra a ditadura de Mussolini.

Em seu primeiro editorial, de junho de 1991, o *Libera...* dizia: "...*Se cremos no que afirmou Malatesta ao dizer: Nosso dever é o de incitar o povo a reclamar e apoderar-se de todas as liberdades*

possíveis, bem como o de prover, pelas suas próprias custas, suas necessidades, sem esperar ordens de qualquer autoridade, então nos cabe consolidar o CEL e aí repensar o anarquismo hoje. Educar o povo e propagar a confiança que o anarquismo deposita na capacidade humana de construir a sociedade justa, livre e igualitária que acreditamos, é fortalecer e aumentar os meios de que dispomos. E o CEL é um dos instrumentos."

Também foram desenvolvidos a partir do CEL inúmeras atividades externas, tais como panfletagens; atos de 1º de maio; campanhas de solidariedade (as mais recentes foram em prol dos companheiros Pasquale Valitutti e Katsuhisha Omori); participação em passeatas e atos públicos; palestras em outras cidades; etc...

O *Libera...*, nestes quatro anos, promoveu o debate, estimulou a formação e informação dos militantes e simpatizantes, aprofundou temas relevantes, ajudou a manter a vitalidade dos grupos ao garantir o intercâmbio e acolher novos participantes.

O CEL, nesta década de existência, transcendeu o seu espaço físico, conforme exposto nas linhas anteriores. No ano passado, defrontamo-nos com inúmeros problemas, que quase ocasionaram a perda desse espaço. Este ano, a despeito de todas as nossas deficiências e dificuldades, temos a nossa frente diversas perspectivas animadoras, que nos deixam bastante otimistas.

Para concluir, estamos em fase de registro do **Centro de Cultura Social do Rio de Janeiro (CCS/RJ)**, entidade à qual o CEL estará vinculado, como uma de suas atividades.

nas BoCas

"A história é feita por muitos jovens e poucos velhos contra muitos velhos e poucos jovens".

Eugenio Petit Muñoz

AMÉRICA LATINA: O CONDOR SEGUE PASSANDO

No início da década de 90, tinha-se a impressão de que as lutas populares na América Latina estavam condenadas ao fracasso. Os sandinistas derrotados pela via eleitoral; a FMLN fazendo acordo de paz com os esquadrões da morte em El Salvador e boa parte da guerrilha colombiana - M-19 e Quintín Lâmen - optando por virarem partido político, e tendo seus quadros assassinados pelos cartéis da droga. Seguindo as tragédias continentais, Fujimori promoveu seu auto-golpe e destruiu a guerrilha maoísta no Peru. Concordando ou não com essas organizações, é impossível deixar de reconhecer sua importância para a luta dos trabalhadores latino-americanos. No Brasil, com a derrota do social reformismo petista em 1989, Collor posava de imperador e iniciava, em paralelo com o playboy Menem, uma série de medidas neo-liberais. Diziam haver uma única solução: demissões em massa, abertura para as importações, incentivo ao capital especulativo, mercados comuns e a falência política dos grupos e organizações populares *en latino-america*. Os sacerdotes da pajelança econômica eram os tecnocratas mexicanos e outros defensores do NAFTA.

A primeira resposta popular foi com o *caracazo*, na capital da Venezuela. As favelas de lá são como as do Rio, e após um aumento de preços promovido pelo governo de Carlos Andrés Perez, que depois seria afastado por corrupção, o morro desceu e as coisas ficaram quentes. Exército e polícia atiravam na população faminta, indiscriminadamente. Saques e revoltas estouraram pela cidade e centenas de pessoas foram assassinadas pelas tropas, até que "tudo voltou ao normal".

Tampouco havia flores nos bolsos esvaziados dos *hermanos* argentinos. Depois do *estallido social* na Grande Buenos Aires, foi a vez das províncias do interior e dos milhares de desempregados se revoltarem. Atualmente, há pelo menos três províncias argentinas em clima de revolta social muito grande.

Mas a surpresa maior viria do país exemplo do modelo neo-liberal: o México. A 1º de janeiro de 1994, guerrilheiros do EZLN (*Exército Zapatista de Libertação Nacional*) lançam uma ofensiva em um dos mais pobres estados mexicanos: Chiapas. Estado situado no sul do México, na fronteira com a Guatemala, país que também possui população predominantemente indígena e grupos guerrilheiros bem organizados e com inserção social. A guerrilha de Chiapas foi um sopro de esperança e uma resposta à miséria de nossos povos como há muito tempo não tínhamos.

É do conhecimento comum o fato de que as fórmulas mágicas de ajuste econômico necessitam de quebra de organização da classe trabalhadora. Depois de três semanas de greves, manifestações e protestos organizados pela *Central Obrera Boliviana* (COB), o governo da Bolívia recorreu ao estado de sítio. Mais de mil sindicalistas presos, muitos mandados para a Amazônia e o altiplano boliviano; proibidas as reuniões com mais de três pessoas; proibida toda e qualquer manifestação pública; suspensas todas as garantias e direitos individuais.

Aí está, é sempre a mesma coisa. Toda vez que os trabalhadores e marginalizados se organizam para enfrentar a classe dominante a resposta é só uma: repressão! A classe trabalhadora boliviana é a mais organizada do continente e a COB, uma central unitária com postura combativa, é a organização de luta de classes mais forte da América Latina. Tentam nos passar a idéia de que a Bolívia só tem

quartelada e narcotráfico, mas omitem a dignidade da resistência camponesa-indígena, dos operários e dos mineiros bolivianos. O que passa na Bolívia serve como um sinal de alerta para todos os libertários latino-americanos: *Basta ameaçar um pouco que seja a corja dominante que ela se une e se defende, com unhas e dentes!* Talvez com a ruína do México, o próximo afundar da Argentina, as greves setoriais no Chile, a greve da COB boliviana, o prosseguimento da luta camponesa-indígena-armada em Chiapas, Colômbia e Guatemala, e todas as formas criativas que os povos do continente encontram e procuram para se libertar, fique de uma vez claro que não é um plano econômico ou medida presidencial que vai acabar com uma resistência de cinco séculos.

Penso que é hora de nós, anarquistas do Brasil, procurarmos conhecer e trabalhar junto com os demais libertários latino-americanos. Somente buscando uma luta classista e de resistência, com uma perspectiva continental, vamos resolver nossos problemas. Os trabalhadores bolivianos provaram que, apesar de tudo, o condor da luta segue passando. Cabe aos anarquistas latino-americanos se organizarem, para tomar parte nesse vôo. **Arriba a los/as que luchan!!**

Bruno

SOLIDARIEDADE URGENTE

A ATLAS (*Associação de Trabalhadores Livres da Área da Saúde de São Paulo*), afiliada ao Núcleo Pró-COB/AIT (*Confederação Operária Brasileira/Associação Internacional dos Trabalhadores*), vem por meio desta solicitar a solidariedade de todos os grupos anarquistas e anarco-sindicalistas, na pendência que ora enfrenta contra a Administração Municipal da cidade de São Paulo.

Segundo o atual Secretário de Saúde do Município, Getúlio Hanashiro, o PAS (*Plano de Atendimento à Saúde*) consiste basicamente em transformar algumas *Unidades Básicas de Saúde* (UBS) e hospitais da Prefeitura num módulo, e este módulo em Cooperativa. Ou seja, os funcionários públicos municipais - médicos, enfermeiros, atendentes, etc... - seriam convidados a fundar a Cooperativa, que ficaria com a responsabilidade de administrar estes hospitais e UBS. As pessoas moradoras da redondeza onde está situado o módulo, seriam cadastradas.

A Prefeitura, por sua vez, daria a Cooperativa o equivalente a R\$ 10,00 por pessoa cadastrada. Ou seja, se houver 200 mil pessoas cadastradas, a Cooperativa receberá o valor de R\$ 2 milhões e vai administrá-los. **Se ela achar que não tem competência para isto, poderia contratar profissionais especializados em administração.**

Na realidade, Getúlio Hanashiro apenas confirma nesta declaração que o PAS é mais uma das manobras maquiavélicas do prefeito Paulo Maluf para privatizar a Saúde Pública, entregando-a aos grupos privados e aos convênios. Com isto, o prefeito paga as dívidas e os favores de sua última campanha eleitoral.

Nós da ATLAS, temos um projeto alternativo para a Rede Pública de Saúde, que visa a *autogestão*, mas que até o presente momento não foi posto em discussão, a não ser em algumas unidades e em alguns hospitais. O pedido de solidariedade que fazemos é no sentido de pressionarmos o Prefeito e o Presidente da República, e buscarmos a autogestão da Saúde Pública, ou seja: **Nem privatização nem estatização! Autogestão!**

Solicitamos que escrevam para:

Prefeitura Municipal de São Paulo; Ilmo. Sr. Paulo Maluf; Palácio das Indústrias; Pque. D. Pedro II; Av. Mercúrio, s/n; São Paulo/SP.

Secretaria Municipal de Saúde; Ilmo. Sr. Getúlio Hanashiro; Av. Paulista, 2192/3º andar; São Paulo/SP.

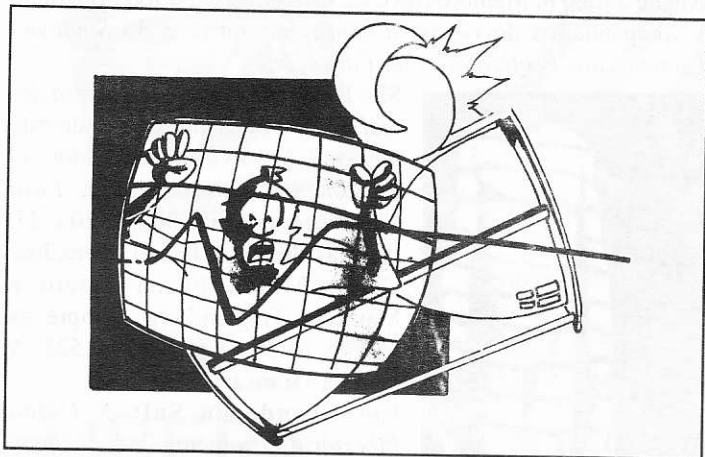
Palácio do Planalto; Ilmo. Sr. Fernando Henrique Cardoso; Brasília/DF.

Assinatura Semestral de Apoio (R\$7,00), Pacote de 10 Liberas (R\$2,00), Adesivo p/vidro Contra Pena de Morte (R\$0,50), Revista Utopia - nº 4 e 5 (R\$1,00-cada), Livros (solicite a tabela).

Depósitos: Bradesco - Ag.0026-4-c/c:240.765-5 - a/c Renato Ramos. Envie comprovante para o CEL (também aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal a Renato). Tiragem 1.500 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião do Coletivo Editorial do CEL.

QUE SIGNIFICADO TERÁ O ANARQUISMO AMANHÃ?



Por ocasião de uma festa organizada em Amsterdam, comemorando a publicação do 100º número da revista *The As*, foi perguntado ao urbanista anarquista Colin Ward *Que significado terá o anarquismo amanhã?* Aqui está a sua resposta:

“Para responder a esta pergunta, devo começar por uma série de comentários sobre a história do anarquismo:

1- Como ideologia política, a anarquia foi formulada, no século XIX, por seus pais fundadores, os quais, como os das outras versões do socialismo -marxista, fabiano, social-democrata- tinham uma visão otimista, de um processo inevitável que chegaria à meta que eles haviam pré-fixado. Estavam todos igualmente convencidos do fato de que a conquista do poder pelo “povo”, fosse pela via parlamentar, fosse em virtude da ação direta, nas ruas e nas fábricas ou através da luta armada, o que levaria às mudanças que eles desejavam para a sociedade. Quando consideramos o insucesso dos anarquistas em atingir este objetivo, não devemos esquecer que também o socialismo burocrático de Estado, tanto na sua versão social-democrata, como na do tipo marxista, falhou no seu objetivo. Os anarquistas podem afirmar, sem dúvida nenhuma, que 70 anos de experiência do socialismo de Estado produziram para a causa dos trabalhadores o atraso de um século.

2- A posição dos anarquistas do século XIX foi única, não só pelo repúdio ao capitalismo, como ao próprio Estado. Em geral, esta posição tem sido considerada como uma prova de que os anarquistas não poderiam ser levados a sério. Entretanto, toda a história do século XX lhes deu razão. Este foi o século da guerra total, em que a eliminação de civilizações foi aceita como consequência do desenvolvimento de armas cada vez mais devastadoras. Enquanto isso, as grandes potências rivalizavam uma com as outras, para vender seus meios de destruição a cada pequeno ditador do mundo. Este foi o século no qual o extermínio em massa se converteu numa política aceita pelos Estados civilizados.

3- Os anarquistas do século XIX confiavam no advento de revoluções populares, que abririam o caminho para a sonhada “sociedade livre”. A realidade, no entanto, foi diferente. A revolução mexicana de 1911 teve como resultado a morte e a glorificação póstuma de heróis anarquistas como Zapata e Magón, e o domínio, por 80 anos, de uma máquina política com nome grotesco: o *Partido Revolucionário Institucional* (PRI).

A revolução russa de 1917 desemboca na total supressão dos anarquistas e de todas as outras dissidências até 1921. Seguiram-se, então, 70 anos de ditadura leninista-stalinista, da qual, só recentemente, emerge uma nova geração de anarquistas.

A revolução espanhola de 1936 levou a luta e a morte aos anarquistas, e foi seguida por 40 anos de ditadura fascista. Como responderiam hoje os mexicanos, russos e espanhóis às exortações revolucionárias?

4- No final do século XIX, alguns anarquistas começaram a formular a doutrina do anarco-sindicalismo, objetivando transformar cada conflito nos locais de trabalho em batalhas pela socialização dos meios de produção. Eles denunciaram como traição os acordos que os sindicatos reformistas alcançavam com relação aos salários, a jornada e as condições de trabalho. Os êxitos obtidos por estes sindicatos tornaram-se, em muitos países, parte integrante da legislação (tanto na Espanha de Franco como na Suécia social-

democrata). Nos anos noventa deste século, o patronato de toda a Europa trata de burlar a legislação trabalhista, querendo reduzir os salários aos níveis pagos em Taiwan ou na Colômbia.

5- Os anarquistas do século XIX, bem como toda a esquerda, encaravam o nacionalismo como uma superstição que, no século XX, seria deixada para trás. A mesma opinião havia em relação às crenças religiosas. A última coisa que eles poderiam ter imaginado era o ressurgir, no final do século XX, dos fundamentalismos religiosos, sejam eles cristãos, hebreus, islâmicos ou hindus. O resultado é que não dispomos de um modo de abordarmos o problema. Deveríamos atacar o ressurgir religioso, com o perigo de aumentar, ao invés de reduzir, seu potencial divisionista? Ou devemos, como anarquistas e, por isso, como pessoas fortemente hostis ao Estado, encontrarmo-nos defendendo o estado secular contra as minorias organizadas que o querem utilizar para seus próprios fins? Trata-se de uma situação que, simplesmente, poderíamos não considerar mas que, sem dúvida é atual nos EUA, onde se veem anarquistas defendendo o Estado secular contra os *Born Again Christians* (Cristãos Renascidos); para os anarquistas israelenses, que defendem o Estado secular contra os hebreus ultra-ortodoxos; ou para os anarquistas egípcios e indianos, que defendem as instituições do Estado secular contra o fundamentalismo islâmico e hindu, respectivamente.

Na minha opinião, estes cinco pontos, sobre a diferença entre o mundo dos anarquistas do final do século XIX e do século XX, indicam a necessidade de adotarmos um estilo diferente para a propaganda anarquista, às vésperas do século XXI. Perante o eclipse, não só do anarquismo, como também do grande filão do socialismo, me parece importante destacar, como fiz há 20 anos no livro *Anarchy in Action*, que a anarquia não é uma teoria da utopia, mas uma teoria da organização. Estou de acordo com Paul Goodman, quando este observa que “uma sociedade livre não pode consistir na substituição da *velha ordem* por uma *nova ordem*; ela deve ser uma extensão da esfera da livre atuação, até que haja mudado a maior parte da vida social”. Esta convicção me exclui, automaticamente, do grupo daqueles que pensam em termos da revolução de massas (cujas primeiras vítimas desde a China até Cuba, foram os anarquistas). Ao contrário, me coloco entre aqueles que, como Murray Bookchin, crêem na ecologia social mais do que na ecologia profunda. Penso que a anarquia conseguirá um maior apoio no século XXI não através dos partidos verdes, mas através do mais amplo movimento dos verdes.

As idéias anarquistas do século XIX eram inevitavelmente eurocêtricas, mesmo quando eram levadas ao Japão, à China e às cidades da América latina por estudantes e imigrantes. Entretanto, uma de suas maiores expressões no final deste século, está representada pela contribuição proveniente de estilos diferentes do pensamento anarquista, como o movimento Sarodaya, na Índia (*Indian Anarchism: the case of Vinola Bhane*, Geoffrey Ostergaard, 1987) e pela transformação das iniciativas de auto-defesa e auto-organização na África, Ásia e América Latina.

Os êxitos obtidos pela economia não-oficial, que permitam à sociedade ir adiante no clima desesperante da América do Sul, perante uma classe governante predatória e uma casta militar que passa periodicamente ao terrorismo de Estado, são agora comumente definidos como basismo, isto é, como uma sociedade que deve ser construída pela base.

Estou convencido de que um anarquismo inteligente no século XXI continuará tendo seus mais densos vínculos com os movimentos verdes e com as economias não-oficiais ou informais do mundo pobre, bem como com a dos pobres no interior do mundo rico, com o objetivo de aprender, com eles, lições anarquistas quanto à sobrevivência humana. Penso que tais lições, a serem compartilhadas no século XXI, darão maior força à mensagem anarquista. Entretanto, nossa linguagem deve levar em conta as novas e complexas realidades sociais”.

Colin Ward

Nota: Texto originalmente publicado na revista anarquista inglesa *Freedom*; publicado em espanhol no jornal *CNT* (jan/94) e traduzido para o português pelo *Coletivo de Tradutores do CEL*.

LIBERDADE PARA KIRIAKOS MAZOKOPOS

Basta de repressão ao movimento anarquista grego

Queremos chamar a atenção dos/as trabalhadores, estudantes e cidadãos em geral, sobre a situação do companheiro grego **Kiriakos Mazokopos**, encarcerado pelo Estado Grego.

Recordemos que Mazokopos foi preso num hospital após lhe ter explodido, casualmente, material explosivo, que lhe causou a perda de um olho e da mão esquerda. No dia seguinte (08/11/1990), no armazém onde decorrerá o incidente, a polícia decobre armas e munições, assim como um panfleto do grupo marxista-leninista *Solidariedade Revolucionária*. Como seria provado no tribunal, o panfleto fazia parte da correspondência recebida pela *União Anarquista de Atenas*, da qual Mazokopos se encarregava.

A partir de tudo isso, a polícia iniciou um processo de acusações sobre Mazokopos que iam desde roubo e posse de explosivos, até a acusação do assassinato do psiquiatra Marinos (ato este reivindicado pela *Solidariedade Revolucionária*). Imediatamente dá-se uma repercussão mais ampla, desencadeando uma "caça às bruxas" aos anarquistas, e em concreto sobre **Koyannis**, **Butsidis** e **Berger**, presos e libertos posteriormente após longa greve de fome.

Num processo posterior, Mazokopos foi condenado a um total de 17 anos sob as acusações de roubo, posse e transporte de explosivos, assim como "explosão não intensional". Tudo isso por ter se negado a revelar o nome das duas pessoas que alugaram o armazém quando Mazokopos o abandonou em 1989 (na época da explosão, retirava do local seus últimos materiais de arquivo). Simultaneamente foi absolvido da acusação de assassinato do psiquiatra.

Este caso faz parte de um contexto de repressão sistemática do Estado Grego face a qualquer dissidência, especialmente ao movimento anarquista. Basta recordar os incidentes sobre o incêndio da Universidade de Atenas (com forte implantação libertária) de que, sem mais, acusaram os anarquistas.

De fato, o governo grego durante os últimos anos (com os "socialistas" do PASOK ou com a direita da *Nova Democracia*), tem tentado criminalizar o anarquismo, que não consegue deter. Tudo isto mediante os "serviços anti-terroristas" da polícia, responsáveis por assassinatos e torturas a militantes libertários e de extrema-esquerda.

A promulgação da Lei Anti-terrorista foi acelerada. O seu propósito é aniquilar visível, moral, política e socialmente, quer aqueles que tenham escolhido a luta armada, quer aqueles a quem as forças de controle social e repressão, ocasionalmente, consideram necessário apresentar como tal, todas as vezes que são desafiadas ou questionadas.

No meio deste contexto encontra-se **Kiriakos Mazokopos**, encarcerado nas prisões gregas. Por tudo isto, apelamos solidariedade, apoio financeiro e a realização de uma campanha de denúncias e divulgação junto às embaixadas e consulados gregos, meios de comunicação, etc...

A data do segundo julgamento de Mazokopos, acusado de participação no grupo armado *Solidariedade Revolucionária* e de uma série de ações deste grupo (sentença a juntar-se à de 17 anos do 1º julgamento), terá início a 17 de maio de 1995.

Maiores informações:

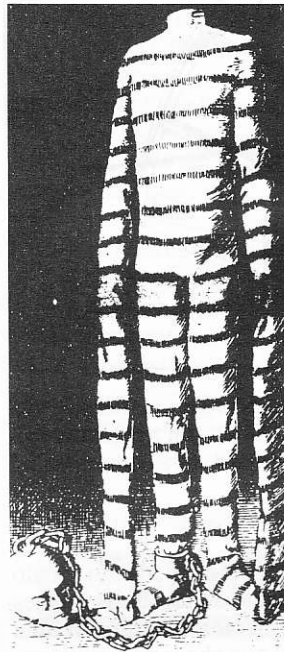
LAT; P.O.BOX 50067; Tessalônica 54013 Grécia.

CAP; Apartado 40; 2801 Almada Codex; Portugal.

NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS

1º de Maio:

Rio de Janeiro: Membros do CEL estiveram em Cabo Frio, junto a companheiros do *Grupo Ruptura Libertária* e do *Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação*.



São Paulo: O *Centro de Cultura Social (CCS/SP)* estará realizando este mês o *Ciclo Mês do Trabalhador - O Movimento Operário e a Luta Libertária*, nos dias 06, 13, 20 e 27. Haverá palestras de Jaime Cubero, José Carlos Morel, Edson Pasetti e Maurício Tragtemberg, sempre às 15:00h, na Rua Gal. Jardim, 522. A entrada é franca.

Rio Grande do Sul: A *União Libertária Revolucionária* convocou os trabalhadores e trabalhadoras para um 1º de maio libertário, contra o desemprego, as mudanças na aposentadoria, as privatizações e a recessão.

Minas Gerais: A *União Libertária de MG* reuniu-se em Alfenas para o seu ato de 1º de maio.

Brasília: A *Uni-Livre*, com o apoio do

Núcleo Pró-COB/DF, realizou em Ceilândia, no dia 29/04, um ato pelo dia de luta dos trabalhadores com palestra, teatro libertário e recital de poesia.

CEL:

Apostila: Já está disponível a apostila *Anarquismo em Resumo*, trabalho do extinto *Grupo Semente Libertária*. São sete páginas com os princípios e propostas do movimento anarquista, em uma linguagem simples e direta. O preço de cada cópia é de R\$ 2,00, em dinheiro ou selos, para o endereço do CEL.

Utopias: Estão à disposição dos/as nossos/as leitores/as alguns exemplares dos números 2 e 3 da revista *Utopia*. Aproveitem porque estes números já são raridades. O preço de cada exemplar é de R\$ 5,00.

Notícias dos Estados:

Paraná: O grupo *Ação Libertária*, de Foz do Iguaçu/PR, vem realizando um excelente trabalho comunitário, junto a *Associação dos Jardins Karla, Laranjeiras e Petrópolis (AKLP)*. Em terreno doado pela AKLP e com o apoio da comunidade, os libertários construirão uma sede, que servirá como local para reuniões e cursos, e de uma biblioteca. O grupo também têm realizado atividades no movimento estudantil, sendo que foi fundado em um colégio local o *Grêmio Livre Estudantil Maria Lacerda de Moura*. O *Ação Coletiva* editou em abril seu primeiro boletim e solicita apoio através de material teórico, informativos e correspondência.

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: UTOPIA CP15001 CEP20155-970 RIO/RJ ■ GRL CP111843 CEP28911-970 CABOFRIO/RJ ■ LETRA LIVRE CP50083 CEP20060-970 RIO/RJ ■ CCS/SP CP2066 CEP01060-970 S. PAULO/SP ■ ANA CP78 CEP11510-970 CUBATÃO/SP ■ ULMG CP26 CEP37410-970 TRÊS CORAÇÕES/MG ■ GRAVIDA CP3395 CEP82001-970 CURITIBA/PR ■ CCS/PB CP1078 CEP58000-970 J. PESSOA/PB ■ APPL CP053 CEP40001-970 SALVADOR/BA ■ CCL CP1206 CEP66017-970 BELÉM/PA ■ AÇÃO COLETIVA CP230 CEP85851-970 FOZ DO IGUAÇU/PR ■ ULBS CP2137 CEP11051-970 SANTOS/SP ■ UL CP1629 CEP13001-970 CAMPINAS/SP ■ AFIM CP2644 CEP59025-970 NATAL/RN ■ CLEL CP1417 CEP13001-970 CAMPINAS/SP ■ COB CP7597 CEP01064-970 S. PAULO/SP ■ UNI-LIVRE CP03668 CEP70084-970 BRASÍLIA/DF

...AMORE MIO